TL5250

Comissão de Direitos Humanos - 1998

Senhor Presidente, minhas Senhoras e meus Senhores,
O meu nome é **Nelson de Jesus Guterres Amaral,** tenho 25 anos. Saí de Timor Leste em Janeiro último por causa das perseguições dos militares indonésios que ocupam Timor-Leste

Fui preso com dois companheiros em 21 de Agosto de 1996, quando tentava fazer chegar alguns alimentos, papel e lapiseiras aos companheiros da resistência armada que lutam contra os ocupantes. Os militares do Batalhão 410 que nos prenderam estavam vestidos a civil. Espancaram-nos logo no local e levaram-nos para o seu quartel em Buicarin

A população de Buicarin viu-nos chegar e deu o alarme a um Padre católico que avisou a Cruz Vermelha Internacional em Dili. Isto foi a nossa sorte.

No quartel de Buicarin interrogaram-nos sobre as relações da população com os guerrilheiros, queriam saber quem dava os alimentos. Fizeram também perguntas sobre a guerrilha. Os interrogatórios, acompanhados por bofetadas e murros, prolongaram-se cerca de três horas.

Daí. levaram-nos para o quartel dos Batalhões 744 e 745 em Viqueque. Um capitão me fez mais ou menos as mesmas perguntas e outras sobre as relações do Padre de Viqueque com a guerrilha. O capitão bateu-me com bofetadas e murros. Este interrogatório durou mais ou menos uma hora. Depois o capitão saiu. Fiquei com cinco soldados que mandaram despir-me completamente, ataram-me a uma cadeira, trouxeram uma bateria eléctrica e fios e vendaram-me os olhos. Começaram a torturar-me: partiram-me um dente com uma coronhada, deram-me choques eléctricos (na cabeça, debaixo dos braços, nos órgãos genitais), queimaram-me com cigarros (3 cicatrizes no braço e no peito), feriram-me com um pau junto ao olho, cortaram-me com laminas de barbear (duas cicatrizes numa mão e no pescoço). A tortura durou aproximadamente cinco horas.

Por volta das seis horas da manhã ouvi um militar dizer que havia chegado um telegrama do capitão Erik de Baucau. Dizia para não me bater porque a Cruz Vermelha Internacional havia pedido para visitar-me; pedido que foi recusado. Mandaram-me lavar a cara. O capitão Erik, um militar indonésio católico, veio de Baucau para me ver. Tirou-me fotografias, fez-me perguntas semelhantes aos outros sobre a população e a guerrilha, disse-me para contar tudo e não ter medo e foi-se embora. Após essa intervenção nunca mais fui torturado. Soube mais tarde que a Cruz Vermelha visitou os meus pais e tomou nota das suas identidades para os proteger de represálias. De facto os meus pais foram interrogados mas não foram maltratados.

Fiquei detido na sala de interrogatório em Viqueque durante quatro dias. Depois levaram-me para Baucau onde fui interrogado e detido cinco dias numa pequena cave do quartel das forças especiais "Flamboyan". No dia 30 levaram-me para Dili onde fiquei detido quatro meses no Senopati I, um serviço militar de informações. Fui interrogado sobretudo sobre as redes clandestinas de Dili porque me tinham apreendido uma mensagem para um denominado Julião 'Mausiri' de Dili. Fizeram-me muitas perguntas sobre o bispo Mons. Belo. Apresentaram-me uma lista de padres para eu assinalar os que trabalhavam com a resistência.

Fui libertado nas vésperas do Natal. Deram-me ordens para procurar o Julião 'Mausiri' e para lhes dar informações sobre os padres. Como não queria colaborar com eles tive de me esconder e fiquei na clandestinidade durante um ano. Em 20 de Janeiro 1998 saí de Dili e fui para Jakarta, onde me refugiei na embaixada de Espanha.

Tive sorte porque a Cruz Vermelha Internacional interveio no meu caso, mas a pequena delegação da Cruz Vermelha em Dili não tem meios para acompanhar a maior parte dos casos.

Sr Presidente, minhas Senhoras e meus Senhores,
peço-lhes para fazer todo o possível para que outros observadores internacionais sejam colocados em Timor-Leste. Só esta presença e a retirada dos militares indonésios poderão limitar as violações dos direitos humanos. Obrigado.